

TOMADA DE TESTEMUNHO
(transcrição)

Djanira de Oliveira Ramos

17/12/2013 - Completo

DEPOENTE:	DJANIRA DE OLIVEIRA RAMOS
Categoria do depoente:	Familiar de vítima civil
Tipo de arquivo:	Áudio
Duração:	00:48:25
Ocasião:	Testemunho colhido por integrantes da CNV
Data:	17/12/2013
Local:	Abadia de Goiás, GO
Responsáveis pela tomada de depoimento:	Suellen Pires Maciel e Thiago Vilela
NUP:	00092.000090/2014-61

Nomes citados:	Jorge Fernando, Epaminondas Gomes de Oliveira, José da Marcelina, João Carlos, Pedro Luiz Tauil, Geraldo Virgílio , Epaminondas Filho, Cristóvão Teixeira, Pedro Araújo, Messias de Souza, Claudias Gomes Pereira, Padre Alípio
Locais citados:	n/c
Organizações políticas:	Partido Comunista Brasileiro (PCB)

1 **Djanira de Oliveira Ramos** (...) uma menina bonitinha. Eu era novinha nesse tempo,
2 eu tinha uns quatorze anos, desde os meus onze anos que eu tinha um namoradinho, né?
3 Era menina, mas tinha namoradinho. Nós namoramos muito tempo, e ia passando
4 aquela mocinha bonitinha, e eu tinha raiva dela, porque ela estava dando em cima do
5 meu namorado. (risos).

6 **Djanira de Oliveira Ramos** Aí, papai, quem é aquela garota ? Eu disse: é um
7 pessoal que chegou aí, antipática, pai, ela é tão antipática . Então você reconhece a
8 menina, já conversou com ela ? Eu disse: não . Pois... é assim, Coiô, a gente não deve
9 achar as pessoas antipáticas, sem conversar . Porque tudo ele dava conselho pra gente.
10 E aí a gente estudava no mesmo colégio, e aí a menina se aproximou de mim, e nós
11 ficamos muito amigas.

12 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Olha só!

13 **Djanira de Oliveira Ramos** E aí depois eu contei pra ele, pois eu não estou
14 dizendo, a gente não deve, assim como eu ensino pra vocês que o nosso direito acaba
15 quando começa o do vizinho , ele ensinava muito isso pra gente. Não é pra jogar casca
16 nenhuma no quintal do vizinho, jogue no seu, mas no do vizinho não . Eu achei isso
17 muito interessante. Era um bom pai, muito bom pai. Ele falava, conversava com a gente
18 era dando conselho. Sempre, sempre! Pois é, aí eu fui pra Porto Nacional, de lá eu ainda
19 fiz, com toda dificuldade, foi na época que levaram o meu pai pra Brasília. Eu fiz
20 auxiliar, médico hospitalar 2, mas a minha intenção era estudar mais, criar meus filhos,
21 ter uma vida melhor, porque meu pai trabalhou muito, ele lutou muito pra colocar a
22 gente no colégio. Naquele tempo tinha que pagar né? Tinha que pagar tudo. Era a
23 passagem do rio, era o colégio dos padres, tudo! Então, eu queria uma vida melhor. E aí
24 no final das contas eu fiquei numa depressão terrível, deitada no sofá, doente, com
25 depressão, tomando remédio controlado. Eu já estava de um jeito, que quando eu
26 tomava aquele remédio controlado, quando acordava, acabava o efeito, eu já tomava
27 mais. Até tinha um médico. Ele prescrevia e eu tomava. Eu tomava só pra apagar. As
28 crianças eram soltas, agora a menina, que tinha uns oito, nove anos, a minha filha, é que
29 tomava conta dos dois irmãos. Tinha o maior e o menor. Ela é quem tomava conta.
30 Porque eu não tinha estrutura pra nada, porque assim foi a minha vida inteira, acabou
31 tudo. Vocês trouxeram retrato do meu pai?

32 **Thiago Dutra Vilela (Comissão Nacional da Verdade)** Eu não sei, a Suellen é quem
33 sabe. A gente vai gravar, mas é só pra gente essa gravação. Pra gente poder escutar
34 depois, pra gente saber.

35 **Djanira de Oliveira Ramos** Pra poder falar alguma coisa né?

36 **Thiago Dutra Vilela (Comissão Nacional da Verdade)** A senhora pode falar seu
37 nome completo?

38 **Djanira de Oliveira Ramos** Eu sou Djanira de Oliveira Ramos.

39 **Thiago Dutra Vilela (Comissão Nacional da Verdade)** Qual que é a sua idade?

40 **Djanira de Oliveira Ramos** 77 anos.

41 **Thiago Dutra Vilela (Comissão Nacional da Verdade)** Estamos aqui Thiago Dutra
42 Vilella e Suellen Maciel.

43 **Thiago Dutra Vilela (Comissão Nacional da Verdade)** Pode começar.

44 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Bom, dona Djanira nós
45 recebemos um *e-mail* do neto da senhora, Jorge Fernando, né?

46 **Djanira de Oliveira Ramos** Eu pedi pra ele.

47 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** A senhora pediu que ele
48 encaminhasse o *e-mail* pra Comissão Nacional da Verdade. No *e-mail* ele disse que a
49 senhora teve notícia das atividades da CNV em Porto Franco e que gostaria de
50 conversar conosco sobre o seu pai o senhor Epaminondas Gomes de Oliveira, né?

51 **Djanira de Oliveira Ramos** Justamente.

52 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Então, nós estamos aqui para
53 escutá-la sobre o que a senhora tem a dizer sobre ele nesse período quando ele foi preso
54 pela Operação Mesopotâmia, né?

55 **Djanira de Oliveira Ramos** Você não pode perguntar? Fica melhor pra mim porque
56 eu estou já esquecida assim.

57 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Do jeito que a senhora preferir. A
58 senhora quer que eu pergunte?

59 **Djanira de Oliveira Ramos** Sim. Eu quero.

60 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Então tá bom. Bom, a senhora
61 conhecia as atividades políticas do seu pai?

62 **Djanira de Oliveira Ramos** Conhecia. Ele tinha ... ele mexia com arma. Ele tinha os
63 amigos dele que ele fazia as reuniões na casa do Zé da Marcelina.

64 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Zé da Marcelina, né? Arram.

65 **Djanira de Oliveira Ramos** Ele fazia lá, mas ele não tinha umas armas. Eles
66 levavam eram livros pra ler. Ele era apaixonado pelo Partido Comunista. Só que a arma
67 dele era... a conversa. Ele não tinha esse negócio de arma. Ela tinha. Parece que era num
68 sítio que ele tinha lá, de banana, que ele plantou banana, plantou uma porção de coisa lá

69 nesse terreno. Então, as armas que ele tinha era aquela de trabalhar lá. Mas ele tinha
70 mesmo era conversa. Ele estudou até o ponto que ele pôde em Teresina naquele colégio,
71 não sei se ainda existe. Colégio Dom Pedro II. Ele era muito inteligente. Era muito
72 inteligente. Mas saber assim de coisa ruim que ele fez. Agora se você perguntar coisa
73 boa que ele fez pra aquele pessoal. E ele não era rico. Ele era artesão. Ele trabalhava
74 com coro. Aquele dinheirinho que ele juntava ele ainda pegava e ajudava alguém pra...
75 Uma vez ele mandou uma mulher que o homem abandonou, né? Ele mandou pra Grajaú
76 pra tratar com o padre lá de avião porque não tinha. A estrada que é bom não tinha, né?
77 E a outra vez ele mandou gente pra Belém. O filho do José Marcelina mesmo arranhou
78 emprego pra ele em Brasília. E assim ele ia ajudando um e outro da forma que ele
79 podia, né?

80 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Nós tivemos notícia que ele
81 articulou, enfim, viabilizou a ida de um médico pra Porto Franco.

82 **Djanira de Oliveira Ramos** Foi o doutor João Carlos. João Carlos. O médico ele
83 pediu porque lá não tinha médico. Trabalhou muito tempo lá no posto.

84 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Ele frequentava a casa de vocês?

85 **Djanira de Oliveira Ramos** Assim mais era quando... porque ele não tinha tempo,
86 era muita gente pra atender, mas quando ele tinha folguinha ele ia lá em casa, não sabe?
87 Quando meu pai estava doente ou qualquer um de nós, ele atendia. A gente ia lá no
88 posto ou ele ia lá em casa, mas não era assim de ficar conversando. Era muita gente e
89 um médico só.

90 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Ele atendia todo mundo. A cidade
91 toda.

92 **Djanira de Oliveira Ramos** A cidade toda. Era muito bom o médico. Mas isso aí...,
93 a maldade humana é muito grande, né? Tanta gente que quer pra eles tomarem conta,
94 não matar porque isso eu acho um absurdo. Mas pelo menos pra guardar uns tempos pra
95 não ficar roubando, sabe? Tanta coisa errada que tem nesse país e o povo não conserta.
96 Um pobre velho lavrador como é que ele chama? Ele dizia que era artesão. Ele dizia que
97 era artesão. Ele fazia... tudo que ele fazia era bem feito. Chapéu, cinto, mala, até
98 sandália. Na época que ainda não tinha essa sandália havaiana ele fazia de borracha de
99 pneu... de pneu de caminhão e couro. Ele fazia e vendia tudo. Trabalhava bem. Era bem
100 feito o que ele fazia. Bom pai, bom pai de família. Bom marido. Eu não sei até hoje eu
101 não entendo porque os que brigam de arma tudo bem tem que, mas o brasileiro é tão...
102 sei lá, eu sou muito revoltada. Disseram que contrataram um mata... um torturador de
103 aluguel dos Estados Unidos mandou pra cá. Você soube disso? Você leu? Torturador de
104 aluguel aqui para o Brasil, pra ensinar como é que maltratava sem deixar. Como é que
105 não deixa sequela, né? Até mata mesmo. Aí vem uma pontinha de lá. Matador. Eu sei
106 que eu trabalhava em Porto Nacional e aí quando eu soube que tinham matado o meu
107 pai. Veio um atestado de óbito, eu nem me lembro mais, parece que morreu porque não
108 comia nem bebia. Como é? Desidratado não lembro como é.

109 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** O comunicado do Exército é que
110 seu Epaminondas morreu de choque decorrente de anemia e desnutrição.

111 **Djanira de Oliveira Ramos** Ah! Foi isso mesmo é que eu já não lembrava mais.
112 Mas eu vou te dizer uma coisa. Ele era magrinho mais ele se alimentava bem. Ele não
113 tinha esse negócio de... eles que fizeram isso com ele. Eles que fizeram. É tanto que
114 quando o Epaminondas falou que ia buscar os restos mortais eu falei que não. Eu não
115 vou me meter nisso porque eles podem pegar qualquer corpo e dizer que é do meu pai .
116 Porque mentiram no óbito, né? Ele vai acreditar, agora se fizer DNA se fizer tudo
117 direitinho, né?

118 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Então a Comissão Nacional da
119 Verdade localizou esse comunicado do Exército numa base de dados que a gente tem no
120 Arquivo Nacional, a base de dados do Serviço Nacional de Informações. Então nessa
121 pesquisa nós localizamos esse comunicado do Exército e, de posse desse comunicado
122 que informava também o local onde o Epaminondas estaria sepultado, a equipe da CNV
123 viu os livros do cemitério Campo da Esperança lá em Brasília e, a partir da realização
124 de uma investigação, localizou a quadra, o local no qual estariam os restos mortais que
125 poderiam ser do pai da senhora. Aí, sim, de fato o Epaminondas Neto e Cromwell, né,
126 estiveram lá em Brasília, a família autorizou fizemos a exumação desses restos mortais
127 e agora está em fase de realização de exame de DNA. Através da antropologia forense,
128 enfim, pra gente conseguir identificar esses restos mortais encontrados na sepultura que
129 pode ser do pai da senhora. E aí lá em Porto Franco, a equipe da CNV, juntamente com
130 alguns peritos, que vieram acho que da Bahia, colheu o material biológico do
131 Epaminondas Filho, da dona Beatriz.

132 **Djanira de Oliveira Ramos** Ah, da Beatriz também?

133 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Sim.

134 **Djanira de Oliveira Ramos** Do Epaminondas também?

135 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Do Epaminondas Neto e do
136 Cromwell lá em Brasília, né? No dia da exumação. E em Porto Franco do Epaminondas,
137 desculpa, do Epaminondas Filho e da dona Beatriz. Como que era a vida de vocês?
138 Antes da prisão do seu pai?

139 **Djanira de Oliveira Ramos** Era muito simples. A gente era pobre, mas era feliz. Era
140 feliz. Meu pai ele bebia. Ele foi prefeito na nossa cidade. Ele bebia as pinguinha e
141 ficava alegre, né? Ai um dia ele falou pra minha mãe. Posso contar isso?

142 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Pode.

143 **Djanira de Oliveira Ramos** Ele falou pra minha mãe. Minha mãe falou pra ele
144 Você está bebendo demais ele bebia só uma pinguinha na hora que saía da prefeitura.
145 Aí ele disse Minha velha, no dia que um filho meu disser que eu estou fedendo a
146 álcool, eu não bebo mais, e a minha irmã Beatriz foi sentar na perna dele e disse Vixi,

147 papai, você está fedendo a cachaça não sabia falar direito, né? E ele fez uma gracinha
148 pra ela e saiu. E disse pra minha mãe. Nunca mais . Eu nunca vi meu pai bêbado. Ele
149 ia pras festas ele nunca dançou na sala junto com a gente. Ele queria dançar, mas tinha
150 que todo mundo sair. Era gente muito desconfiada, mas era muito bom. A gente se
151 escondia para ver ele dançar. Porque ele não queria que a gente visse, por isso, é uma
152 coisa que a gente perde, né? É dureza. E fui para Porto quando eu soube em Porto
153 Nacional que ele tinha morrido... Tinha um tenente do Exército, Dr. Pedro Luiz Tauil.

154 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Pedro Luiz?

155 **Djanira de Oliveira Ramos** Pedro Luiz Tauil. E é médico lá e eu ia consultar.
156 Doutor... Eu não chorei de jeito nenhum sabe? Eu fiquei travada. Na hora que eu
157 escarrava sentia o gosto de sangue na boca e escarrava e eu botava bolinha de sangue
158 pela boca coagulado. Aí uma hora fui conversar com ele, já nem consultava mais. Todo
159 médico lá eu queria conversar. Passava horas sentada no consultório conversando. Ai o
160 doutor Pedro disse: Dona Djanira, chora! Digo não tem jeito. Não tenho vontade.

161 É bom a senhora chorar, a senhora fica botando [*trecho incompreensível*] aí a senhora
162 escarra só o sangue puro. [*trecho incompreensível* Mas a senhora precisa chorar , mas
163 não tem jeito . Foi muito tempo assim, mas depois eu não aguentei mais, qualquer coisa
164 eu choro mesmo. A minha netinha aqui, assistindo à minissérie que passou
165 recentemente no SBT mostrando uma camada, um pouquinho dos maus tratos. Mas eu
166 chorei a noite inteirinha. Pedi pra desligar, mas, menino, ela queria assistir, né? Eu
167 fiquei caladinha esperando a noite todinha. Ela desligou a televisão depois. Eu chorei
168 muito. Chorei mesmo. E daí pra cá não tem jeito. Nem pensar!! Meus 3 netos mais
169 velhos aqui, todos eles passaram na faculdade. Fizeram 1 rapazinho, 2 mocinhas. A
170 mocinha mais nova ainda nem terminou o segundo grau já fez 2 vezes a faculdade e já
171 passou... pra Direito, pra Medicina eles passam. O rapaz também passou pra Direito.

172 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Voltando aqui, lá na época da
173 prisão do seu Epaminondas. Quando ele foi preso, a família chegou a ser avisada do
174 motivo da prisão? Como é que foi?

175 **Djanira de Oliveira Ramos** Eu estava morando em Porto Nacional, mas a minha mãe
176 falou que estava lá no garimpo com ele. Obrigaram o Epaminondas Filho a mostrar ele.
177 Aí ele foi e pediu ao meu cunhado Geraldo. Geraldo Virgílio pra ir no lugar dele que ele
178 não tinha coragem de ir entregar os pais. O pai dele pro soldado, né? O Geraldo foi lá no
179 garimpo onde ele estava.

180 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Mas ela nunca falou o motivo da
181 prisão? Nunca falou porque que ele estava sendo preso?

182 **Djanira de Oliveira Ramos** Porque era comunista, minha filha. Ele não era
183 comunista? Era. Ele gostava.

184 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Eles avisaram isso à família da
185 senhora?

186 **Djanira de Oliveira Ramos** Hã?

187 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Eles avisaram isso à família da
188 senhora?

189 **Djanira de Oliveira Ramos** Se avisaram? Eles... na época eu não estava lá, quando
190 ele morreu eu não quis saber mais de nada, é por isso que eu estou lhe dizendo que os
191 papéis que eu tenho aí, e que eu lhe pedi pra você trazer, não sei se você teve tempo de
192 juntar. Eu ainda não li nem os estão aí. Mas eu vou ler, uma hora eu vou ler. Olha, eu
193 quero melhorar esse trauma que eu tenho.

194 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Depois da prisão dele a senhora
195 continuou morando em?

196 **Djanira de Oliveira Ramos** Porto Nacional.

197 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Em Porto Nacional, né?

198 **Djanira de Oliveira Ramos** Porto Nacional.

199 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** E a senhora teve notícia se a
200 família da senhora passou a ser vigiada ou perseguida?

201 **Djanira de Oliveira Ramos** Minha filha, isso é o mais importante que eu quero lhe
202 falar. Lá em casa, na minha casa não tinha. Tinha um assim, como um apitosinho, pi pi
203 pi pi. Eu e meu marido, nós ficávamos incomodado com aquilo... ia ele apaisana lá pra
204 casa, nós tinha um comerciazinho, lá pra casa e sentava com a revista na mão assim ó
205 [*demonstração*] a revista aberta sem passar a página, passava o dia todinho.

206 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Na porta da senhora?

207 **Djanira de Oliveira Ramos** Dentro do comércio. E um dia meu marido fez Rapaz,
208 o que é que tu quer aqui em casa? O que é que tu tá procurando aqui? Vocês já não
209 fizeram os que vocês queriam? Matar meu sogro? ele era esquizofrênico o que que
210 vocês querem aqui, porque que tu lê essa revista e não passa a folha Porque que tu
211 revista, jornal chegava lá ficava era um dia inteirinho. Era vigiado 24 horas. Eu falei
212 com o doutor Pedro: Doutor Pedro, tenho medo de andar na rua, e vir uma bala perdida
213 e me pegar e aí ele sabia, né? Ele me defendia e defendia o Cristóvão, o Cristóvão
214 Teixeira, que o Cristóvão lá em Brasília passaram foi o carro por cima dele.

215 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Cristóvão Teixeira. Quem era?

216 **Djanira de Oliveira Ramos** Era lá de Porto Nacional, quer dizer, ele de Pastos Bons
217 veio com o pai, rapazinho, novo inteligente. Eles tinham ideias de melhorar, era como o
218 papai. O papai queria era igualdade de classe. Ele queria que as pessoas não fossem tão
219 ricas e outras tão pobrezinhas mais ou menos, né? Pra calibrar, pra pessoa viver
220 dignamente, isso era o que ele queria, que nem era lá em casa. Ele não queria matar
221 ninguém. Ele queria era o ideal dele, era a igualdade de classe. Era como o Cristóvão. O

222 Cristóvão era bem assim como você, era novinho. O Cristóvão estava numa cadeira de
223 rodas, não sei nem se já morreu. Não sei nem se já morreu o Cristóvão. Faz muitos
224 anos que eu não sei notícia dele. O Cristóvão eles pegaram ele lá na casa do pais dele
225 em Porto Nacional e passaram lá na prefeitura para martirizar o coitado. Já estava na
226 cadeira de rodas, assim abobado, não sabe? Eles torturaram ele lá, e o doutor Pedro Luís
227 Taurir é que ia lá e falava que aquele paciente era dele e não tinha nada que mexer com
228 ele, maltratar. Ele não tinha condição mais pra nada.

229 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Tá. Como que chegou a notícia
230 do falecimento do seu Epaminondas? Foi através da sua família em Porto Franco?

231 **Djanira de Oliveira Ramos** Foi. Depois de muito tempo é que eles deram notícias
232 pra eles lá também.

233 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** E quando essa notícia chegou pra
234 vocês, a família procurou tomar alguma providência?

235 **Djanira de Oliveira Ramos** A minha irmã, a Beatriz, eu não tinha mais força pra
236 nada, né? Eu não tinha força pra nada nada. Eu me isolei. Eu não chorava, mais também
237 eu perdi toda a minha vida, eu não vivi eu passei pela vida. Assim eu queria [*choro*] a
238 minha irmã que falou que queria o corpo, escreveu pra lá, mas não fizeram nada. Na
239 época, não sabe? Eu não queria nem que mexesse, mas agora achei bom. O
240 Epaminondas e Cromwell terem tomado a frente, porque por mim... Só chorava mesmo.
241 [*choro*] É uma mágoa que não acaba nunca, eu joguei a vida fora, a vida dos meus
242 filhos. Eu só tive 3 filhos, dava até para formar todos os 3. Podia ter dado uma vida boa
243 porque estrutura na minha casa eu tive. Meu pai dava muito valor ao estudo. Eu estudei
244 eu fiz auxiliar de enfermagem 1 ano e meio depois do colegial. Eu esqueci, porque eu
245 pego livros e leio. Gosto de ler muito. Criar contas, português eu gosto, gosto de fazer
246 pesquisa. Mas não tive a oportunidade de me formar em nada. Mas eu, se eu tivesse
247 formado pelo menos meus filhos, era outra coisa, né? Já me conformava. Quer dizer da
248 morte do meu pai não, porque eu sei que isso aí vai comigo. [*choro*]. Quando eu era
249 pequena, eu lembro, eu tinha uns 5 ou 6 anos eu... minha mãe me batia porque eu era
250 fogo na roupa. Naquele tempo a palmada comia. E aí eu ficava perto, ele me botava
251 perto pra coçar a cabeça dele. Ele tinha caspa. Ai, filha, Coça aqui, Coró coça aqui eu
252 ia coçar a cabeça dele. Aí olhava para a cozinha, onde ele trabalhava ficava em frente à
253 cozinha. Aí ele olhava e minha mãe estava lá fazendo a comida, Ai será que minha
254 velha está para fazer a comida? eu digo Não sei não, não vou lá na cozinha, eu não
255 gosto daquela mulher, eu chamava daquela mulher daí ele ria. Aí ele Minha velha,
256 tu sabe de uma coisa, não diz não, criatura, se não ela me bate, aí que ele ria mesmo,
257 se não ela me bate, pois ela batia quando ele saía. Aí minha velha, a Coró não gosta
258 de ti não. E ela era brava, né? Só me lembro de coisa boa do meu pai, coisa engraçada.
259 Era um bom pai, ele.

260 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** A senhora lembra. Eu vou falar
261 alguns nomes de algumas pessoas, algumas delas que foram presas na Operação
262 Mesopotâmia junto no mesmo período do pai da senhora. O senhor Pedro Araújo?

263 **Djanira de Oliveira Ramos** Pedro Araújo.

264 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** A senhora lembra dele?

265 **Djanira de Oliveira Ramos** Lembro dele. Pedro Araújo foi preso com meu pai?

266 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** O Pedro Araújo?

267 **Djanira de Oliveira Ramos** Foi, né?

268 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Foi próximo.

269 **Djanira de Oliveira Ramos** O Messias também, não é?

270 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** O senhor Messias de Sousa que a
271 senhora está falando?

272 **Djanira de Oliveira Ramos** É. Mas não disseram que o Pedro Araújo também tinha
273 ido com ele.

274 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Ele foi preso pouco tempo
275 depois.

276 **Djanira de Oliveira Ramos** Mais eles voltaram o Pedro Araújo, o Messias...

277 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** O seu Claudias Gomes Pereira,
278 seu Coló. A senhora se recorda?

279 **Djanira de Oliveira Ramos** O seu Coló também voltou quando foi preso. Mas ô,
280 meu Deus! Esse pessoal não ia fazer mal a ninguém. Não ia pra guerrilha, nem coisa
281 nenhuma esse povo aí. E o outro lá de baixo?

282 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** É o senhor José da Marcelina.

283 **Djanira de Oliveira Ramos** A José da Marcelina, né? Meu pai até criou a Joantina,
284 a filha dele.

285 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Nós escutamos os familiares
286 dessas pessoas, inclusive o seu Messias lá em Porto Franco, e os familiares do seu Zé da
287 Marcelina. Uma filha dele lá em Porto Franco e...

288 **Djanira de Oliveira Ramos** Zumira?

289 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Eu não me recordo o nome dela.
290 Deve ter sido a Lisinha que mora em Brasília também.

291 **Djanira de Oliveira Ramos** A Elisinha que mora em Porto Franco. Uma branquinha.
292 Agora a Zumira, o Augustinho...

293 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** O Augustinho em Brasília

294 **Djanira de Oliveira Ramos** O Augustinho, a Joaquina moram Brasília.

295 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Isso.

296 **Djanira de Oliveira Ramos** Sabe que eles tiveram a oportunidade de estudar, porque
297 foi meu pai que mandou o Augustinho pra lá. Com o Augustinho ele chamou a família
298 pra lá, né? E tiveram a oportunidade. Tem a oportunidade, que a gente ainda tem filho
299 de estudar, botar pra estudar é bom demais.

300 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** E sobre o Padre Alípio?

301 **Djanira de Oliveira Ramos** Eu não lembro, minha filha. Eu não lembro porque não
302 estava lá na época. Já trabalhava no hospital Doutor Francisco Aires da Silva lá em... é
303 Silva ou é Sousa não me lembro. Lá em Porto Nacional. Aí nessa época eu vi falar no
304 padre. Eu ouvi falar, mas eu não conheci.

305 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Chamava ele também de Batista,
306 né?

307 **Djanira de Oliveira Ramos** Doutor João Carlos, o médico era gente boa também.

308 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Dona Djanira a senhora se
309 emociona bastante quando fala do seu Epaminondas, né?

310 **Djanira de Oliveira Ramos** Ah, então não acaba minha filha, não acaba mesmo. Eu
311 faço força mesmo pra não chorar, mas não tem jeito.

312 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** A gente percebe um impacto
313 mesmo muito forte mesmo na vida da senhora e de toda a família. Em a relação à
314 prisão, tortura e morte do seu Epaminondas. A senhora considera que esse trauma, esse
315 sentimento permanece em relação aos filhos da senhora aos netos? Seus netos enfim...

316 **Djanira de Oliveira Ramos** A repercussão foi grande, né? Só de eu não poder mais
317 trabalhar. Eu não ganho mil reais por mês, sabe porquê? Porque eu caí em depressão e
318 não levantei mais. Não teve jeito. Aí eu não pude formar meus filhos como eu queria
319 [choro]. O mais novo ele trabalha nos *Correios e Telégrafos* lá em São Luís. O menino
320 não quer mulher que ele dá pra qualquer pessoa, pretinho, e eu trabalhava em Porto
321 Nacional e ela queria dar, deu até pra mulher com câncer terminal e aí a mulher disse
322 que ia chamar ... Chamar o povo dela pra pegar o menino. E eu peguei esse menino pra
323 criar mais é um bom filho. Ele está estudando vai fazer curso também vai fazer
324 faculdade. Até fiquei com pena porque ele não assistiu. Fizeram uma festinha lá em São
325 Luís com a família. Eu sei que quem nunca viveu isso que eu vivi, e a minha família
326 toda viveu, não sabe o que é sofrer. Pra gente ser feliz, não precisa dinheiro, não precisa
327 bens materiais. A felicidade de uma família é o pai e a mãe estruturados, e os filhos
328 qualquer coisinha ele lendo. Qualquer coisinha que a mamãe fazia, de bolinho, de
329 qualquer coisa pra mim, já era uma festa muito grande. Quando faltavam as coisas lá em
330 Porto Franco, meu pai saía de pé, naqueles arredores, lá ainda tinha sertão naquele

331 tempo, né? Saía de pé, às vezes arranjava um pouquinho de feijão, um pouquinho de
332 farinha e nem arroz arranjava. Minha mãe cozinhava aquilo, era uma festa, minha filha!
333 A gente era muito feliz, muito feliz [*choro*] Pra mim não faltava nada. Meu pai me
334 dava, em Tocantinópolis, meu pai me dava um dinheirinho para compra a merenda lá.
335 Como, às vezes, não dava tempo da mamãe fazer e às vezes eu saía muito cedo pra...
336 Onde eu fiz o ginásio e o colegial, o segundo grau. Aí minha mãe às vezes, não dava
337 tempo dela fazer, né? Me dava uns dinheirinhos, uns trocadinhos. A minha farda eu
338 pedia a minha mãe pra fazer com bolso, né? Botava o dinheirinho no bolso. Às vezes
339 tinha algum colega que me chamava pra estudar junto. Eu ia e mãe deles,
340 principalmente daquele pessoal que mora lá, a mãe dele fazia as merendas pra gente e
341 pedia um dinheirinho pro meu pai. Quando ele estava procurando dinheiro eu tirava a
342 mão do bolso e dava. Me dava 2, 3 vezes e botava no bolso da farda quando ele estava
343 precisando de uma coisa. Colega, você não pode ficar sem comer, não, mas eu comi.
344 Era bom demais.

345 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Bonito, dona Djanira.

346 **Djanira de Oliveira Ramos** Foi uma vida feliz com meu pai e minha mãe. O
347 negócio é que acontece, né? Mas esse trauma eu vou levar pra toda eternidade. [*choro*]
348 Além da vida. Não é porque meu pai já estava velho, estava velhinho. Na época ainda
349 ele ainda estava novo. Mas a gente tem sempre tem..., o certo é o pai da gente morrer ali
350 no leito, ao redor dando proteção, dando carinho. Não para chegar um pessoal, que
351 ninguém sabe, nem pergunta nada, carrega e nunca mais. Vi minha mãe sofrer a vida
352 inteira, nem a roupa ela encontrava, ele que comprava. O gosto era dele e ela gostava
353 também, o que ele fazia estava bom.

354 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Tem mais alguma coisa alguma
355 coisa que a senhora queira falar? Lembrar?

356 **Djanira de Oliveira Ramos** Eu só sei chorar minha filha. Só sei chorar mesmo. Com
357 a perseguição desse povo lá em casa que não saía, não saía, eu tinha medo de pegar um
358 tiro na rua. Falei para o doutor Pedro, ele disse, do jeito que eles fazem com o
359 Cristóvão, eu não duvido que eles lhe dão um tiro. O Cristóvão sofreu muito. Vocês já
360 foram lá?

361 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Ainda não. Porto Franco ainda
362 não. Desculpa, Porto Nacional.

363 **Djanira de Oliveira Ramos** Porto Nacional.

364 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Vamos lá em breve.

365 **Djanira de Oliveira Ramos** Olha, eu não se ele ainda é vivo minha filha. Mas foi
366 perseguido o... quando você chegar lá, você vai ver que, os irmão dele também foram
367 perseguidos. Jogaram o carro num dos irmãos dele lá. Indo para o aeroporto lá em Porto
368 Nacional, eu acho que ele ia de bicicleta, eu não lembro direito, mas eu sei que
369 aconteceu uma coisa lá, né? Jogaram o carro pra matar o rapaz. O irmão do Cristóvão.

370 Se vocês pudessem falar, se comunicar, pode? Com o..., deixa eu lembrar o nome do
371 rapaz, o Sandy, o Sandy. Daquele Sandy e Júnior, do programa que tem aqui na 95,5
372 aqui tem muita música muita coisa. Acho que ele foi até deputado. Ele trabalha lá pra
373 esse programa Sandy e Júnior. Eu conheço ele pequeno. Conheci era pequeno, nem se
374 lembrava mais de mim, nunca mais encontrei com ele. Mas a mãe dele era dona Beleza
375 e o pai era o Sandy, pra perguntar pelo Cristóvão pela família do Cristóvão é bom
376 demais. Ele é primo do Cristóvão a dona Beleza a mãe dele é irmã da dona Nair mãe do
377 Cristóvão.

378 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Nós vamos checar sim essa
379 informação sobre o Cristóvão Teixeira quando formos em Porto Nacional.

380 **Djanira de Oliveira Ramos** Pois é, minha filha. É uma família que sofreu muito
381 também. Muito, muito, muito mesmo.

382 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Tem mais alguma coisa que a
383 senhora quer acrescentar?

384 **Djanira de Oliveira Ramos** O que é que falta aí? Muita coisa, né? Eu só sei chorar.

385 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Alguma lembrança? Algum
386 nome? De alguém que a senhora se recorde?

387 **Djanira de Oliveira Ramos** Não, estou com a cabeça muito boa não. Interessante
388 que tem hora que eu lembro as coisas, e tem hora que eu esqueço. Não sei nem que
389 nome que eu tenho.

390 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Mas a nossa memória é assim
391 mesmo. Vai e volta.

392 **Djanira de Oliveira Ramos** É.

393 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Olha, dona Djanira, a CNV
394 agradece o depoimento da senhora só vem a somar aos depoimentos que nós temos
395 sobre o caso do senhor Epaminondas Gomes de Oliveira. Muito importante pra nós
396 escutar esses relatos, as informações que as que as pessoas nos passam, eventualmente
397 alguns documentos, mas nós estamos à disposição caso a senhora se recorde de alguma
398 outra coisa. Encontre alguma documentação a senhora pode nos ligar.

399 **Djanira de Oliveira Ramos** Minha filha, uma coisa que ia até pedir pra vocês
400 levarem lá pra Presidente Dilma. Eu queria, olha, eu trabalhei federal... Quando eu
401 comecei a trabalhar na saúde, era federal o meu emprego. Na época me pegaram de
402 Porto Nacional me mandaram para Januário, Minas Gerais, no norte de Minas, num
403 lugar muito ruim. Quando eu vi que lá não dava pra mim eu não ia me adaptar, eu
404 larguei meu emprego federal, e fiquei aqui no estado de Goiás. Esse tempo eu não me
405 lembro, quase 10 anos de serviço federal, eles não juntaram com meu dinheiro meu
406 salário daqui, quando eu fui aposentar. Eu não tinha mais condição de trabalhar

407 também. Voltou a maré em maio voltou a depressão, aí fui aposentada. Me aposentaram
408 com 400 reais. 400 reais e aí eu queria falar com essa presidente, pra ver o que ele podia
409 fazer por mim, pra pelo menos obrigar esse povo, porque na época e vocês estão vendo
410 aqui o meu sofrimento, e nunca acabou o trauma. Mas na época eu saía sozinha. Meu
411 marido esquizofrênico, os filhos tudo pequeno, eu não tinha quem andasse comigo e aí
412 Goiânia pouco tempo não sabia andar. Eu saía e eu fui lá na Fundação Cespe pra contar
413 o tempo de serviço, o meu tempo de serviço, mas quando eu cheguei lá, o pessoal
414 disseram eu não iam me dar. O tempo de serviço que era meu e que eu tinha direito.
415 Perseguição, perseguição! Por causa do meu pai. Aí não me deram tempo de serviço.
416 Quando eu mudei pra cá porque meu marido estava muito ruim, eu coloquei ele nas
417 clínicas de repouso de Bom Jesus aqui em Goiânia no setor Boêmio, estava muito ruim.
418 Agora só eu pra cuidar dele, porque os meninos estavam tudo pequeno, eu escondia os
419 meninos dele quando ele estava bem bravo, né? Não queira saber eu sofri muito aqui. E
420 aí... quando eu fui pra me aposentar pela OSE (Organização de Saúde do Estado), o
421 presidente não me ajudou em nada. Os médicos me davam atestado, porque eu não tinha
422 condição de trabalhar, não tinha estrutura para trabalhar. E, esse presidente não queria
423 nem ver, saber da minha história, ainda tirou um salário meu, 1 mês ou 2. E aí Dona
424 Djanira, mas eu sou aposentado, mas uma aposentadoria pra dois adultos e três
425 crianças não dá pra milagre. No tempo que era criança dava, que tudo era com fartura
426 fruta, toda coisa. Mas hoje não dá pra nada. Aí ele não disse que não ia receber meu
427 pedido de marcar a entrevista com ele com esse presidente da OSE e ele não quis. Me
428 aposentou com 400 reais e até hoje está lá. É o que eu recebo da OSE. Podendo ter
429 somado meu tempo de serviço, né? Com é que faz? Eu adoeço sem aqui. Eu tenho na
430 carteirinha do Correio que meu filho lá trabalha no Correio, eu sou dependente dele. Eu
431 tenho a carteirinha aqui, mas não vou pra lá nem o médico bom, dos hospitais de
432 Goiânia como é que eu vou? Se eu não tenho condição de sair daqui, né? Se eles
433 tivessem acolhido... aí como é que eu faço, minha filha, se encarrega disso pra mim. Vê
434 se você me dá o endereço da assistente lá da... Você faz assim um jeitinho você procura
435 pra mim um telefone, qualquer coisa que aí eu marco, vou juntando um dinheirinho e
436 vou lá em Brasília falar com ela, né? Vou pedir pessoalmente pra ela. Como é que você
437 colocou aí?

438 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Então eu acho que a senhora.
439 Porque essa requisição está fora dos atributos da CNV, né? Mas a senhora deveria
440 procurar aqui no Goiás o pessoal do Ministério do Trabalho aqui.

441 **Djanira de Oliveira Ramos** É mais fácil, né?

442 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Eu acho. É mais fácil.

443 **Djanira de Oliveira Ramos** Pois é isso que eu vou fazer.

444 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** A senhora procura... juntar à
445 documentação que comprova esses 10 anos de serviço.

446 **Djanira de Oliveira Ramos** Eu tenho na minha carteira. Você acredita que eu perdi
447 meu tempo de serviço por causa dessa perseguição. Era perseguida de todo jeito.

448 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Em que ano foi isso?

449 **Djanira de Oliveira Ramos** Foi bem..., 70 não me lembro. Só se eu ver nos papéis.

450 **O Sr. Thiago Dutra Vilela (Comissão Nacional da Verdade)** Mas foi na década de
451 70, isso?

452 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Foi na década de 70?

453 **Djanira de Oliveira Ramos** É. Aí eu vou procurar já passou caduco. Caducou coisa
454 nenhuma. Eu estava era doente. O que você trouxe pra mim de papel, nada?

455 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Olha a documentação do seu
456 Epaminondas Gomes de Oliveira, constante no Arquivo Nacional são 11 documentos.
457 Nós entregamos em Porto Franco pra dona Joana, mãe do Epaminondas Neto e pra dona
458 Beatriz, entregamos esse conjunto de documento para a família. Então, não temos como
459 trazer um novo conjunto pra senhora. Posso mandar para a senhora uma via digital.

460 **Djanira de Oliveira Ramos** É. Minha filha, deixa eu te dizer! Tu não tem retrato
461 dele aí não, né?

462 **Suellen Maciel (Comissão Nacional da Verdade)** Tenho um aqui de uma
463 reportagem que a comissão fez. Aqui ó.

464 **Djanira de Oliveira Ramos** A mesma que eu mandei. Débora! Minha filha, olha
465 esse retrato bem aqui do seu bisavô... no celular.

Prezados,

Segue o áudio do depoimento de **DJANIRA DE OLIVEIRA RAMOS**, filha de Epaminondas Gomes de Oliveira (líder camponês, preso durante a Operação Mesopotâmia e morto nas dependências do Hospital de Guarnição Militar em Brasília).

Local de colheita do depoimento: Abadia de Goiás – GO (residência da Sra. Djanira de Oliveira Ramos).

Data: 17 de dezembro de 2013.

Participantes: Suellen Neto Pires Maciel (Pesquisadora – CNV/GT Graves Violações de Direitos Humanos - Mortos e Desaparecidos) e Thiago Dutra Vilela (CNV/Assessoria de Comunicação).

Nome do arquivo: 131217_00 Depoimento DJANIRA DE OLIVEIRA RAMOS

Att.,

 23.12.2013

Suellen Maciel
Pesquisadora